

06-07-2021

# A AMIZADE COMO TERRITÓRIO

## Eguimar Felício Chaveiro

[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente  
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Ninguém vive só. E jamais viverá. E porque todos necessitam do outro – e com o outro se constituem, a partir e com Ele, a vida humana é dependente do amor, da acolhida e do pertencimento.

Pode-se, por isso, dizer: a amizade é território.

Mediante esse território se estabelece vínculos afetivos, relações de confiança, possibilidades de autocrítica, responsabilidade, respeito. Vontade de viver e de combater processos culturais e sociais que aniquilam o exercício esplêndido da amizade. O amigo ou a amiga sabe dos defeitos mais profundos daquele ou daquela a quem se devota o companheirismo, porque a amizade é território de convivência íntima.

E na convivência descobre manias, traumas, dores recolhidas e interdidas. O amigo ou a amiga é quase sempre um terapeuta involuntário. O amigo ou a amiga doa o ouvido nos momentos difíceis, e põe-se ao diálogo e à comemoração nos momentos alegres.

Mesmo sob a distância espacial ou temporal, age porque a sua memória é um patrimônio de força.

Quem tem amigo enfrenta dores e pesares.

A amizade, foi dito, gera pertencimento porque gera confiança, e, assim, nutre o sujeito de coragem para enfrentar as injustiças sociais, os medos íntimos, a mediocridade histórica, as futilidades de uma vida cosmética baseada no consumo, na glorificação narcísica e no apelo irremediável para se ser forte e vencedor o tempo todo. Mas ninguém foi, é, ou será forte o tempo todo – isso sabem os amigos.

Face a isso, a amizade é uma realização ética.

Caminhar no mundo com quem fofoca, com quem mente, com quem aprova o racismo estrutural, a injustiça ambiental, o flagelo da miséria, a ganância do latifúndio, do dinheiro, o apoio aos ditadores, é uma declaração de fragilidade moral e ética.

A amizade depende de estar livre da propriedade gananciosa para se apropriar da potência amorosa.

Os estrategistas não têm amigos. Possuem canais de fatura financeira; têm vínculos de interesses e por interesse se vinculam.

A sua aproximação é para tirar proveito daquele ou daquela que se encontra próximo. Os estrategistas não têm amigos – repitamos! – nem querem, são interesseiros. Por isso, é que quem luta pela amizade luta igualmente contra quem a dissipa e contra os processos que educam os sujeitos ao estrategismo, não ao amor. Amizade é amor, amor em envolvimento e engajamento. A amizade nutre-se da ética libertadora. Ama-se o amigo com liberdade, não como rendição e interesse. Ama-se com autonomia e com parceria. Com a irmandade que não esmaga o conflito. Somente os autoritários não aceitam os conflitos e as diferenças. A amizade é democrática porque inclui os conflitos e as diferenças, as incluindo transformam-nas em veículos de aprendizagem. A amizade ama a conversa solta; a troca de confissão; as histórias da infância.

A amizade é escuta e interpelação. Ama também os casos visivelmente sem sentidos conforme os círculos comuns, mas cheios de sentidos para quem os conta. Contá-los é água sagrada da amizade, como ouvi-los. A amizade deseja ir fundo no mundo interior dos sujeitos envolvidos.

A amizade é um território de compreensão de mundo. Ver o outro na sua dimensão funda alimenta os olhos para ver a si próprio na dimensão indizível. A amizade é relação de força porque o sujeito se reforça com as mãos do amigo ou da amiga. Atenta e sensível, a amizade é um navio de atravessar estradas difíceis. É bússola. Luz.

O amigo e a amiga não querem nada; querem ajudar porque foi ajudado e, em ajudando, se reforça como pessoa. Assim, escala a sua integridade e espalma as mãos contra o individualismo social que reina nas sociedades desiguais e mercantis. A amizade é resistência.

E jardim. A amizade precisa ser cultivada, por isso é terra aberta ao plantio. Cultiva-se amizade com diálogos e com doação ao invés da disputa.

Cultiva-se a amizade com olhar sensível e com humildade. E também com valentia. Amar não é fácil, pois implica uma posição: desapegar-se dos valores culturais calcados no escravismo, no coronelismo, na grilagem de terra, na violência.

A amizade quer a paz, por isso enfrenta. A amizade é enfrentamento e sabe docilizar o ato de enfrentar porque entende a vida no seu limite temporal e quer exercê-la com intensidade e respeito. ■■■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*